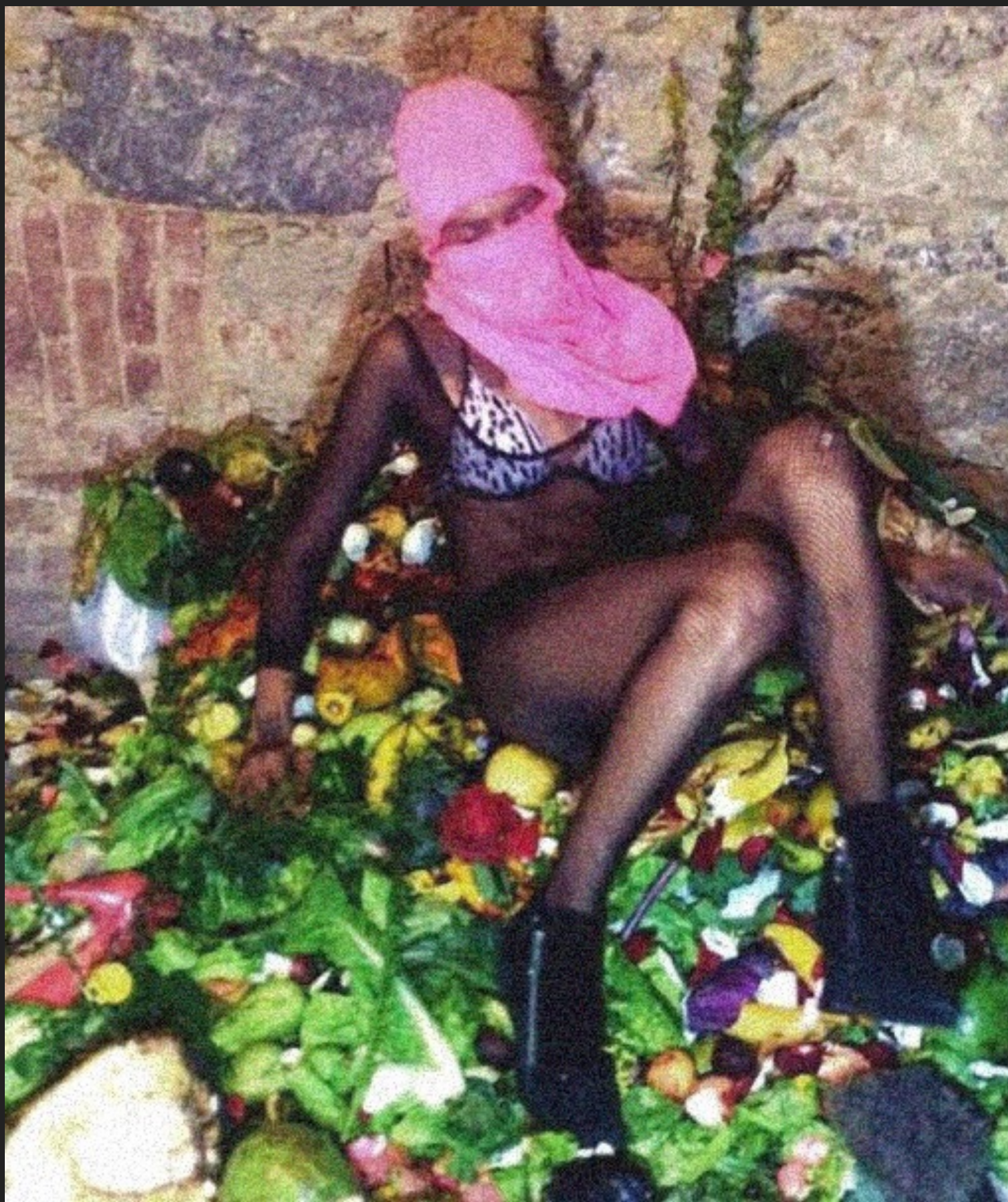




ROTEIRO DE ESTUDOS

TRANS
FEMINISTA



RADIKAL ANARKUIR



3-11:APRESENTAÇÃO

12-15:O ROTEIRO

16-24:ENSAIO ANARCO-QUEER

IMAGENS DA
PERFORMANCE
"PORNORECICLE" DE
BRUNA KURY
USO COM AUTORIZAÇÃO
DA ARTISTA
BRUNAKURY.WEEBLY.COM



DECOLONIALIDADE

☠ ☠ ☠
PUNK

NECROESTÉTICA
ESTÉTICA DO LIXO ☠ ☠ ☠ ☠

[APRESENTAÇÃO]

Que cu é esse? Quem quer cair dentro dele?

Saindo da Ortodoxia Performativa, retornamos ao Cu sob uma óptica Pós-Queer
Tropikal

A moral não é queer. Nem a lei. Nem o direito. Isto é certo. Mas a certeza tampouco é queer. O governo nunca é queer. Mas dizer "nunca" não é nada queer.

-Guacira Lopes Louro

Torna-se necessário filosofar não a golpes de martelo, e sim de dildo. Já não se trata de romper os tímpanos, mas de abrir os ânus.

-Paul Beatriz Preciado

Pessoalmente, acho que o movimento feminista deve sonhar com algo maior do que a eliminação da opressão das mulheres. Ele deve sonhar em eliminar as sexualidades compulsórias e os papéis sexuais. O sonho que me parece mais cativante é o de uma sociedade andrógina e sem gênero (mas não sem sexo), na qual a anatomia sexual de uma pessoa seja irrelevante para quem ela é, para o que ela faz, e para com quem ela faz amor.

-Gayle Rubin

Comecei a escrever este ensaio num momento de extrema intoxicação. Sinto que, finalmente, sou capaz de entender o conceito de "prótese-biomolecular da subjetividade" que é explorado no ensaio grandioso *Testo Junkie*. A tecno-incorporação prostética que ocorre quando o corpo humano absorve, decompõe e reproduz os efeitos de uma substância psicoativa num formato *hightech* devidamente farmacopornográfica, como é o caso da cocaína. Embora possa estar associada, com certa dose de justiça, à violência e a um tipo de tráfico que gera determinadas configurações de super-exploração humana, a cocaína é mais do que isso. Eu não a conheço, mas penso bastante sobre seu efeito extraordinário no consciente de Freud, que o fez dizer: "Martha, eu tenho um projeto". Drogas como a cocaína e a maconha produzem um, de acordo com Preciado, "estado alterado de consciência, uma modificação do modo em que o

eu está presente diante de si mesmo, permitindo a emergência de outras formas de percepção, de conhecimento e de ação”.

A maconha é para mim, ocasionalmente, o que foi a cocaína para Freud, e o que a testosterona foi para Preciado em seus 236 dias de experimentação. Algo que consumo mediante certos rituais que interagem com a arquitetura viva de uma universidade pública no Norte de Minas. Mas jamais com o mesmo valor político ou revolucionário. Quis dizer que é, afinal, algo que é consumido para transformar meu corpo através de um estado de fuga, para atingir uma explosão conceitual e, por fim, o vício.

Cheguei à universidade hoje por volta das 13h. Desde então estive, quase sem interrupções, pesquisando, lendo e escrevendo sobre o anarco-cuir decolonial. Já faz um tempo que quero fazer um novo roteiro de estudos. O anterior me envergonha um pouco: eu não tinha ainda a maturidade para apresentar discussões decoloniais de raça e fronteirismos. O queer é sempre o fronteirismo. Felizmente, logo em seguida montei, cooperando com amigos e colegas do grupo de estudos, um novo roteiro pós/decolonial. Li Pedro Paulo, Jota Mombaça, Pelúcio, Berenice, Anzaldúa (Oh! Anzaldúa), mais Berenice e persegui a carreira *porno-terrorista* de Bruna Kury. Agora, posso fazer justiça a um eixo de poder tão importante quanto o sexo/gênero. Ou melhor, essa separação de sexo/gênero de um lado e raça do outro não existe, pois nunca estiveram biopoliticamente afastados. Posso, então, contribuir um pouco para uma epísteme da revolução.

Traduzidos os textos, combino de encontrar uma amiga no restaurante universitário para jantarmos. Uma querida, e mentora. D.A é uma *guérillère* de Wittig, e está vindo, não por coincidência, me entregar um exemplar de *Pelo Cu*. Ainda não terei a oportunidade de o ler. Apenas contemplo a capa da segunda parte do *elo perdido do cu* que faltava na minha recém-compreendida genealogia anal. Hocqenghem, o ponto de ruptura primordial do cu, pareceu ter se perdido pelos intercâmbios que o cu realizou até os Estados Unidos. Foi somente mediante

um retorno à França que autores transgêneros como Paul Preciado e Sam Bourcier – antes Beatriz e Marie-Hélène – redescobriram a revolução da escrita de *terror anal* que havia sido iniciada por Hocquengem há quase três décadas. Mais material. *Übermaterial*. Pós-identidade evidente, como herança performativa, mas hiper-identitário pela atenção às práticas, para usar o conceito *chiquérrimo* de Preciado, *contrassexuais*. Saéz, Vidarte e Carrascosa, posteriormente, viriam a atingir o ápice de excitação teórica primeiro com a coletânea *Teoría Queer: Políticas Bolleras, Maricas, Trans, Mestizas*, depois *Ética Marica* e, finalmente, *Por El Culo*. É com grande satisfação então que guardo o livro, após o *insight* de vinte minutos que passou em um milésimo, para *devorar com prazer canibal* mais tarde.

Essa série de eventos, provocadas pelo meu atual estado de perseguição por fazer *filosofia queer*, certamente me levaria a querer começar esse texto que você está lendo. Talvez eu tivesse saído em busca de THC justamente por precisar de uma dose farmacopolítica para traçar o caminho anal do mais potente pós-feminismo pelos Estados Unidos, França-Espanha-Europa, e América Latina.

Não por acaso, o computador a partir do qual eu escrevo agora, que possui centenas de PDFs e entrevistas salvas na barra de “favoritos”, é localizado no laboratório de um núcleo de pesquisa em teoria feminista e análise genealógica do feminicídio no Brasil. A sala branca, decorada com antigos pôsteres de eventos do tema e o cartaz de um seminário em Foucault, é onde passo as minhas tardes durante a semana. O Estado Brasileiro me fornece R\$400 para fazer parte do *feminist work* de uma professora que admiro muito. Essa é uma das vezes que traço uma linha de fuga literal para o laboratório, mas são raras as que, como essa, posso aproveitar ainda chapada de *cannabis*. Mas, por hora, paremos de falar sobre isso. Não tenho interesse em fazer outro T(HC)-Junkie. Como se eu pudesse!

O fluxo desse ensaio segue por onde começou. O cu, ou o texto-cu que estive em busca para introduzir esse roteiro.

Como começar a falar de queer? A resposta atingida através do gozo coletivo de várixs proletárixs da Revolução Contrassexual, da Multidão Queer e das minorias sexopolíticas à frente das Micropolíticas Pós-queer, foi: se começa a falar de queer a partir do ânus. Contra-reprodutivo, transbordando de abjeção/fezes e genuinamente pós-corporal, o cu é anti-biopolítico não por natureza, mas *sex design*. Dar o cu é então mais revolucionário que prestar homenagem à bandeira da União Soviética. Deixo claro minha aversão aos hetero-proletários bélicos viúvos da Revolução de Outubro, que, parafraseando a Gudran de LaBruce, “Fracassou ao rejeitar o amor livre”. *THERE IS NO REVOLUTION WITHOUT SEXUAL REVOLUTION*. A luta queer, em teoria e prática – que devem ser as mesmas coisas como (n)o corpo de Pedro Lemebel –, é a luta anti-biopolítica. A luta anal.

O rompimento via hiper-produção subalterna de *potentia gaudendi* do ânus nem sempre esteve presente no queer acadêmico. Há quem diga, como Bourcier, que durante sua primeira geração, a Ortodoxia Performativa, ele alcançou níveis de *somatofobia* – talvez por ter se *desfeito prematuramente do corpo*. *Somatofobia*: que palavra feia! Não muito tempo depois, fora da academia, o queer parecia ter morrido. A potência de *necrofilia cultural*, agenciada por Foucault, Hocqenghem, Perlongher, Dustan, Vidarte... e tantas outras *maricas* (*our very own guérillères* anti-farmacopornopolíticos) que morreram se agarrando à AIDS, finalmente chegara ao seu destino: a própria morte. Decomposição. Já não havia mais queer, e sim Queer Eye©. A letra “Q” já aparecia agora na sigla *ridícula* “LGBTQ”, e muitas camisas de “Queer as fuck!” já podiam ser vistas nos desfiles pró-assimilação das paradas de Orgulho. Nas mesmíssimas paradas lotadas de carros alegóricos, barracas e palcos da Nike, UBER e Coca-Cola. Orgulho de quê? De servir ao Capital? E que fique bem claro: o queer *já* jamais poderia pertencer à uma sigla. A lógica da sigla é a lógica da representação de identidades estáticas definidas *a priori*. *Queer é a anti-identidade*. Mais que isso, políticas queer não são políticas (L)G(BT).

Mas, em pleno capitalismo pós-fordista, os afetos e saberes minoritários viajam e se reproduzem como *tweets*. Nos diferentes contextos republicanos tanto francês quanto brasileiro, onde não havia a predominância de políticas afirmativas e sim de uma postura de total apagamento identitário pós-coquetel, o queer ressuscitaria como um verdadeiro movimento de *necroestética*. No Brasil, *o cu de Preciado* parece encontrar os dildos para penetrá-lo no videoclipe de *Coytada*, da traveco-terrorista negra *Linn da Quebrada*. Que não falemos mais então em *queer*, mas *kuir*: a contratecnologia da consciência que hoje conecta nossos corpos (?) mais-ou-menos vivos. Teoria queer? Não. *Estudos Transviados*. Berenice Bento foi extremamente lúcida ao questionar o potencial de inversão performativa do termo.

Estudos Transviados é do que se trata esse guia teórico. A modalidade de *estudos* é apenas uma das formas de gritar “Cu!” entre várias outras: a mais normativa delas. Uma genealogia do pós-queer *nos trópicos* poderia ser realizada a partir das intervenções de *putafeminismo* de Indianare Siqueira, militante e trabalhadora do sexo *transvestigênera*. Por outro lado, num contexto europeu, deixando de lado a escrita acadêmica, já foi sugerido que o filme pós-pornô *BAISE-MOI* de Virginie Despentes foi o que começou com a *putaria* na França. Nos Estados Unidos, uma genealogia do *queer* poderia ter sido feita destacando as bandas de *queercore* *Tribe 8* e *Limp Wrist*, ou observando as zines *anarcha-queer* de *Bruce LaBruce*. Me interessa especialmente por essa narrativa mais anarquista, um aspecto fundamental do roteiro. Por isso, convido a irmos mais longe ainda e apontarmos que Adolf Brand, autor do jornal *Der Eigene*, era também um escritor anarquista. *Der Eigene*, de 1896, não foi a primeira publicação em defesa da homossexualidade — visto que o outro alemão Karl Heinrich Ulrichs já havia sido o pioneiro do movimento com sua breve publicação de volume único em 1870 — mas foi uma das mais importantes e duradouras circulações de um material de ativismo anti-homofobia. Me pergunto porque o anarquismo, sempre tão próximo do *queer*, teria ficado de fora dessa história de

sangue, gozo e revolução. Não teria sido Emma Goldman uma antecipadora das políticas anti-assimilacionistas e da recusa queer frente ao casamento monogâmico com seu ensaio *Marriage and Love*?

Mesmo dentro de uma genealogia de Estudos Transviados, o presente texto também não é, nem pensar, a *única* possível. Nossa história começa alguns anos após a publicação de *El Deseo Homosexual* de Hocqenghem, e do auge de sua atuação no coletivo FHAR de Paris — o qual Monique Wittig mais tarde iria criticar de *falocráta* e *lesbofóbico* —, e do intercâmbio de seu cu com a verdadeira bomba de explosão molecular que foi *O Anti-Édipo*. Esses escritos em questão se deslocam mais fundo *rumo ao buraco* no momento em que a feminista sex-positive e lésbica Gayle Rubin, *toda sem graça*, decide perguntar para um homem de gola rolê numa biblioteca de Paris se ele era *O Foucault*. Rubin estava certa, e ambos imediatamente descobrem o que tinham em comum: o interesse por práticas sexuais contraprodutivas totalmente *fora do círculo mágico*. A teoria pós-estruturalista (ou *French Theory*) de Foucault, materializada no primeiro exemplar de *A vontade de saber*, chegaria aos Estados Unidos nas mãos de Rubin. Talvez por destino, esse mesmo *saber situado* seria transferido através da mesma obra para Judith Butler, enquanto um presente de Rubin. O exemplar, infelizmente, não era o mesmo que o recebido por Rubin de Foucault. O que nos importa, por hora, é que a grande filósofa (nossa mãe) lapidaria ainda mais o tipo de epísteme radical feminista que estava sendo produzida ali. O resultado: *Problemas de Gênero!* Quase sem pausas para respirar, Teresa de Lauretis já cunharia o conceito *Teoria Queer* na famosa edição da revista *Differences* de 1991.

Aqui estamos nós. Kuir-decolonial. Materialista, mas jamais transfóbico. Radical pelo potencial de total explosão que tem sua epistemologia *cucaracha*; mas *nada a ver* com certos “feminismos” que de radical só têm sua cisgeneridade. Pós-feminista, mas o pós é de maturidade e não rejeição. *Cheio de classe*, mas jamais poderia ser confundido com algo que veio da *Velha Esquerda*. E, até que

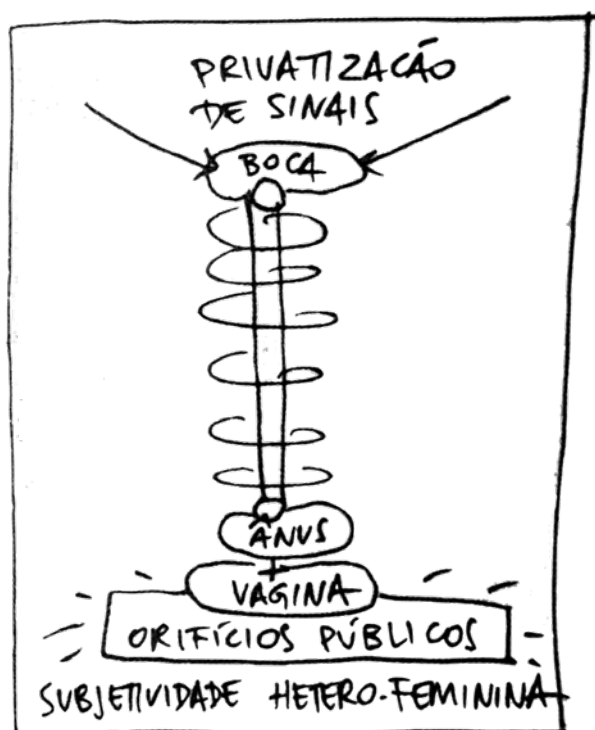
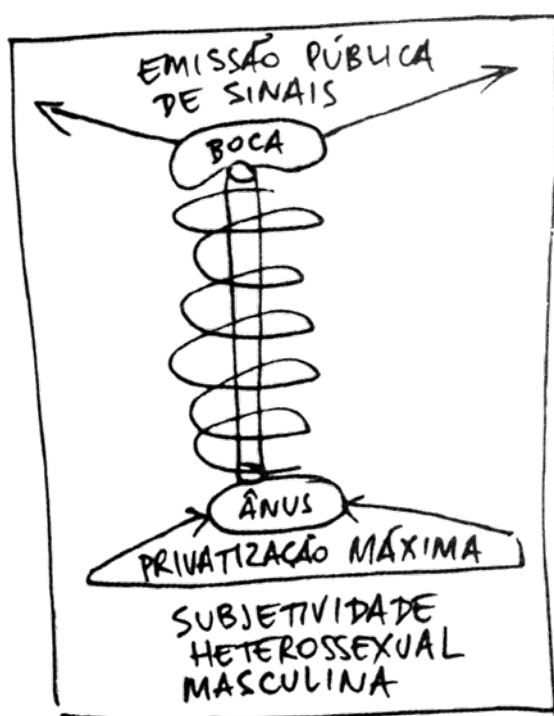
enfim, apático à filosofia branca de gabinete que representou em sua fase de juventude. **ANARCUISMO**.

Passamos *tempo demais* pensando com a cabeça. A cabeça é uma metáfora somática da história da civilização ocidental. Longe do cu, situada ao Norte, racional. O racionalismo só nos serviu para reduzir as mulheres, animais e escravxs à condição de máquinas reprodutivas. Chegou a hora de substituir a ética cristã pela ética *marica*. De trocar as políticas cerebrais pelas políticas anais. E que fique claro que quando falo tanto de cu não o faço a partir de uma lente cis-masculina. As *maricas* pensadoras da *analética* aqui citados são, em sua grande maioria, pupilos dxs pensadorxs feministas designadxs-mulher-ao-nascer, que são quem *dominam* a lista. Por exemplo, Foucault não ocupa o lugar tradicional de *cabeça* nesse roteiro. Seu nome aparece reapropriado por lésbicas radicais e homens trans, muitas vezes acompanhado de um questionamento do porquê ele teria fechado os olhos para o feminismo de sua época e para o seu próprio ânus, preferindo voltar-se para a Grécia Antiga.

Queria pedir desculpas por todo esse papo cis de ficar falando quem é designadx isso ou aquilo ao nascer. Não me levem a mal, eu apenas estou tentando falar diretamente com as possíveis mulheres que são leitoras de um feminismo mais tradicional e que possam estar confusas: dar o cu não é uma prática de homens! Embora possamos estabelecer algumas críticas à seguinte formulação, ela não deixa de ser verdade: o cu não tem gênero. Para além disso, as bichas sequer são homens por acaso? Um dos pré-requisitos para se *encarnar* a ficção da masculinidade do patriarca é justamente a *castração anal*. *Homens homossexuais sigilosos* podem até fingir que têm um pênis, mas os gays certamente não o têm — sim, como as lésbicas em Wittig não têm vagina!

Dei meu cu uma única vez e foi como um ritual preciadista. Alguém que só foi enrabado uma vez, e aos 21 anos, talvez não saiba nada sobre o cu. Prefiro pensar diferente. Vivi a passividade, a histeria e a vulnerabilidade — essas são todas características associadas ao cu e ao feminino. Ainda estou

desenvolvendo minha própria forma de ser ativo, mas concordo com Vidarte que não seria nada mal uma *passividade fundamentalista*. Chegou a hora das históricas *falarem*, e nós temos nossas próprias formas de lutar. A herança da virilidade, da *atividade* e da penetração – associadas aos pênis-cis e aos homens hegemônicos – é a herança da guerra. Não existe transformação política sem a transformação de nossas práticas. Entretanto, a minha decisão mais-ou-menos consciente de não transar (quase nunca) é também uma prática política. Um dos jeitos de implodir o sistema heterocentrado, além da inversão, poderia ser a *negação*. Também existe assexual preciadista, e nem por isso eu deixo de adorar pornô!



Chega de falar sobre mim. Mas antes de irmos ao roteiro, algumas considerações: 1) o roteiro, como já deve estar óbvio, não é exatamente amigável para leitorxs iniciantes. Por esse motivo, *um de meus uploads se trata de uma pasta, chamada Ajuda, Manx!, de material de apoio, dossiês e introduções*. Vocês não acharam que eu ia deixar alguém *na mão*, né? Apesar disso, creio que o ensaio que fecha o roteiro se trata de uma excelente introdução. A melhor delas, se quiserem. Foi reapropriada diretamente de uma antologia *anarcha-queer* do coletivo *Bash Back!* *ESSES VIADOS MATAM FASCISTAS*. 2) o roteiro é multilinguístico, embora privilegie o português brasileiro com toda a certeza. 3) o roteiro é pluri-textual. Possui entrevistas, panfletos, obras completas, capítulos isolados, etc. 4) o roteiro está sempre em construção e será re-editado quantas vezes for preciso. 5) o roteiro apresenta as edições recomendadas dos textos, mas coloquem as mãos onde conseguirem. As versões dos PDFs inclusive não correspondem às da lista, e sim ao que circula pela *open web*. 6) o roteiro não vem com uma explicação do contexto e importância de cada leitura; assim como o texto de apresentação esteve cheio de referências, mas sem uma única nota de rodapé. Espera-se de quem lê que reencontre o caminho anal. Esse foi o caminho que encontrei ao longo dos quase três anos que venho estudando. Fui influenciado, é claro, pela minha maior paixão: *la [ex] niña revolucionaria*, hoje homem trans, Paul B. Preciado. 7) é uma ingenuidade pensar que alguém seria capaz de prestar a mesma atenção a *todos os itens*. Alguns deles eu mesma não li mais que dois capítulos. Sei, entretanto, que são pontos em que o *cu senta no dildo*. 8) o roteiro foi feito com muito amor e horas de dedicação, por isso espero que gostem. 9) tentei *hablar desde mi próprio ano* enquanto escrevia esse mediador de *terrorismo-textual*. 10) gostaria de abrir uma chamada para a invenção coletiva de roteiros de estudos transviados. O que você está lendo agora tem pretensões maiores, mais generalistas. Isso certamente vem com um sacrifício. Pretendo lançar mais roteiros, com recortes mais específicos.



[O ROTEIRO]

- X: GOLDMAN, Emma. *Anarquismo: o que realmente significa?* Tradução por Antonio Henrique do Espírito Santo Loula. Retirado de blog e transformado em PDF por mim. Disponível em: <<http://goo.gl/ZN6L9c>>. Acesso: 20 de outubro de 2018.
- 1: HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. Tradução por Geoffroy Huard de la Marre. Com posfácio de [Paul] Beatriz Preciado: *Terror Anal*. 1ª Ed. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2009.¹
- 2: FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.²
- 3: RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Tradução por Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sonia Corrêa. Recife: SOS Corpo, 1993.³
- 4: WITTIG, Monique. *The Straight Mind and Other Essays*. 1ª Ed. Boston: Beacon Press, 1992.⁴
- 5: RUBIN, Gayle. *Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade*. Tradução por Felipe Bruno Martins Fernandes. 1994.⁵

¹ Ainda sem publicação, e nem previsão da mesma, para o Brasil.

² Segundo Paul B. Preciado numa conferência do *Transitional States* (2018), a leitura acompanhada de *Vigiar e Punir*, o livro-par de *A Vontade de Saber*, maximiza o entendimento das reflexões genealógicas. Por esse motivo, considerem *Vigiar e Punir* um item opcional. Ele será o item 2.X nos arquivos.

³ Recomendamos uma publicação da editora Ubu de 2017 intitulada *Políticas do Sexo*, que reúne ambos os ensaios, atualizados com notas, de Rubin aqui listados. Ainda não encontrei disponível na internet, mas farei a substituição assim que possível.

⁴ Esses ensaios de Wittig nunca foram traduzidos academicamente e publicados em periódicos ou livros no Brasil, porém traduções de alguns deles (incluindo o *Straight Mind*) podem ser encontradas em blogs aqui <https://goo.gl/N5rfMm> e aqui <https://goo.gl/g5V832> – uma versão em espanhol da coletânea foi disponibilizada em 2005, tendo sido traduzida por Javier Saéz e Paco Vidarte, nomes apresentados neste roteiro. Essa edição também consta na pasta com o nome de 4.X.

⁵Provisório. Conferir nota de rodapé número três.

- 6: HARAWAY, Donna. *Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2ª Ed. Tradução por Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.
- 7: de LAURETIS, Teresa. *A Tecnologia do Gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. 1ª Ed. Tradução por Suzana Funck. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- 8: ANZALDÚA, Gloria. *La conciencia de la mestiza / rumbo a uma nova consciência*. Estudos Feministas. Florianópolis, v. 13, n. 3, 2005, p. 704-719.
- 9: PERLONGHER, Néstor. *O que é Aids?* 4ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- 10: *Manifesto Queer Nation*. Tradução por Roberto Romero. Chão da Feira, Belo Horizonte, n. 53, 2016.
- 11.1: BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11ª Ed. Tradução por Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- 11.2: BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: GUACIRA, Lopes Louro (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª Ed. Tradução por Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- 11.3: BUTLER, Judith. *Critically Queer*. GLQ. Durham, v. 1, n. 1, 1993, p. 17-32.⁶

⁶ Item também provisório por se tratar de um capítulo da obra, ainda não publicada no Brasil, *Corpos que Pesam*. Será removido simultaneamente à publicação (em breve) pela n-1 edições, que substituirá o item 11.2 aqui nesse roteiro.

- 12: MUÑOZ, José Esteban. *Disidentifications: Queers of Color and the Performance of Politics*. 1ª Ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.⁷
- 13: PRECIADO, Paul B. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. 2ª Ed. Tradução por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- 14: CÓRDOBA, D; SÁEZ, J; VIDARTE, P (Org.). *Teoría Queer: Políticas Bolleras, Maricas, Trans, Mestizas*. 1ª Ed. Madrid, Barcelona: Editorial Egales, 2005.⁸
- 15: DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. 1ª Ed. Tradução por Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- 16: PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica*. 1ª Ed. Tradução por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.⁹
- 17: SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Pelo cu: políticas anais*. 1ª Ed. Tradução por Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2016.¹⁰
- 18: VALENCIA, Sayak. *Capitalismo Gore*. 1ª Ed. Santa Cruz de Tenerife: Editorial Melusina, 2010.¹¹
- 19.1: PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Queer nos trópicos*. Contemporânea. São Carlos, v. 2, n. 2, 2012, 371-394.
- 19.2: BENTO, Berenice. *É o queer tem pra hoje? Conversando sobre as potencialidades e apropriações da teoria queer ao sul do equador*. In:

⁷ Obra também ainda sem tradução nacional.

⁸ Esse aqui também dificilmente será traduzido.

⁹ A n-1 edições recentemente publicou o livro. Ainda não tenho um PDF completo, mas alguns capítulos foram scaneados. Eles estarão nos uploads juntamente com a edição em inglês completa do livro, com o título de 16.X. Prefiro colocar a edição dos EUA, em vez da "original" em Espanhol, por ter sido ampliada e revisada neste outro idioma.

¹⁰ O texto já foi traduzido e publicado no Brasil, porém, novamente, um scan ainda não chegou até mim. Por hora, a edição espanhola que está entre os arquivos. Peço desesperadamente que avisem essa anarko-trans caso tenham a versão traduzida ;)

¹¹ Outro livro ainda não publicado para nós. Porém, mi amigue terrorista-anal Filipx Barros disponibilizou algumas de suas próprias traduções em seu academia.edu: <https://goo.gl/RFqcTz>

Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos. 1ª Ed. Salvador: Editora EDUFBA, 2017.

- 19.3: PELÚCIO, Larissa. *O Cu (de) Preciado: estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil*. *Iberic@l: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*. Paris, v. 1, n. 9, p. 123-136, 2016.
- 20: *Revista Rosa #5: Edição especial pós-pornô*. Disponível em: <<https://medium.com/revista-rosa-5>> Acesso: 20 de outubro de 2018.



[ENSAIO ANARCO-QUEER]

RUMO À MAIS QUEER DAS INSSUREIÇÕES¹²

I

Algumas pessoas lêem “queer” como um sinônimo de “gay e lésbica” ou “LGBT”. Essa leitura é insuficiente. Embora aqueles¹³ que se encaixariam nas construções de “L”, “G”, “B” ou “T” pudessem se adentrar aos limites discursivos do queer, o queer não é uma área estável para a habitação. O queer não é simplesmente outra identidade que pode se juntar à uma lista de categorias sociais organizadas, e nem a soma quantitativa de nossas identidades. Em vez disso, é a posição qualitativa de oposição às demonstrações de estabilidade — uma identidade que problematiza os limites manejáveis da identidade. Queer é um território de tensão, definido contra a narrativa dominante de patriarcado-branco-hetero-monogâmico, mas também pela afinidade por todes que são marginalizadas, excluídes e oprimides. Queer é o anormal, o estranho, o perigoso. Queer envolve nossa sexualidade e nosso gênero, mas muito mais que isso. É o nosso desejo e nossas fantasias e ainda mais. Queer é a coesão de tudo que está em conflito com o mundo capitalista heterossexual. Queer é uma rejeição completa do regime do Normal.

¹² *Towards The Queerest Insurrection*. In: BAROQUE, Fray; EANELLI, Tegan. *Queer Ultra Violence*. 1ª Ed. San Francisco: Ardent Press, 2011. Texto de autoria de *The Mary Nardini Gang*. Traduzido por mim.

¹³ [Nota da tradutora] A linguagem neutra será utilizada ao longo de todo o texto, respeitando principalmente a intenção de quem o escreveu. Quando os pronomes aparecerem generizados (como em “Eles”), o uso será feito em tom pejorativo para remeter à identidade cis-masculina dos indivíduos criticados em questão (policiais, gays assimilacionistas, etc).



Enquanto queers, nós entendemos a Normalidade. Normal, é a tirania de nossa condição; reproduzida em todas nossas relações. A normalidade é violentamente reiterada em cada minuto de cada dia. Nós entendemos essa Normalidade como a Totalidade. A totalidade sendo a interconexão e justaposição de toda opressão e miséria. A Totalidade é o estado. É o capitalismo. É a civilização e o império. A totalidade é a crucificação em poste¹⁴. É estupro e homicídio pela polícia. É ser “macho discreto”, e o “Não curto gordos e nem afeminados”. É o *Queer Eye for the Straight Guy*¹⁵. É as lições brutais que são ensinadas a aqueles que não conseguem alcançar o Normal. É cada forma com que nos limitamos a nós mesmos ou com que aprendemos a odiar nossos corpos. Nós entendemos a Normalidade muito bem.



Quando nós falamos em guerra social, nós fazemos isso porque análises puras de classe não são o suficiente para nós. O que significa uma visão de mundo econômica marxista para uma pessoa que sobreviveu ao linchamento? Para alguém trabalhadora do sexo? Para adolescentes sem lar e fugitivos? Como pode uma análise de classe, sozinha enquanto um modelo de revolução, prometer emancipação para aqueles de nós viajando para além dos gêneros e sexualidades que nos foram impostos? O Proletariado como sujeito da revolução

¹⁴ [Nota da tradutora] Referência à morte de Matthew Shepard, jovem que foi torturado e amarrado ao poste de uma cerca por motivos homofóbicos. Para mais detalhes: <<https://goo.gl/QsyY3H>>

¹⁵ [Nota da tradutora] Programa de televisão assimilacionista, estreado em 2003 no canal *Bravo*, que parece estar em alta entre os gays. Hoje é conhecido somente como *Queer Eye*, e obviamente transmitido pela *Netflix*. Confira (ou não): <<https://goo.gl/fna8bX>>

marginaliza todos aqueles que não se encaixam no modelo de trabalhador-heterossexual.

Lenin e Marx nunca foderam das formas como nós fodemos.

Nós precisamos de algo mais acurado – algo que provoque a ira em cada meandro de nossa miséria. Em poucas palavras, nós queremos destruir a dominação em suas várias formas diferentes e entrelaçadas. Essa luta que habita toda relação social é o que nós conhecemos como guerra social. Ela é simultaneamente o processo e a condição de um conflito com essa totalidade.

IV

No discurso do queer, nós estamos falando de um espaço de luta contra essa totalidade – contra a normalidade. Por “queer”, nós queremos dizer “guerra social”. E quando nós falamos do queer como um conflito com toda a dominação, nós estamos falando sério.

V

Veja, nós sempre fomos o outro, o alienígena, o criminoso. A história de queers nessa civilização sempre tem sido a narrativa do pervertido sexual, o inferior psicopata constitucional, o traidor, o bizarro, o imbecil moral. Nós fomos excluídos na fronteira, no trabalho, nos laços familiares. Nós fomos forçados aos campos de concentração, à escravidão sexual, às prisões.

O normal, o hetero, a família americana sempre tem construído a si em oposição ao queer. Hetero não é queer. Branco não é de cor. Saudável não tem HIV. Homem não é mulher. Os discursos de heterossexualidade, branquitude e capitalismo reproduzem a si mesmos como um modelo de poder. Para o resto de nós, há a morte.

Em seu trabalho, Jean Genet afirma que a vida de alguém queer é uma vida de exílio – que toda a totalidade desse mundo é construída para nos marginalizar e explorar. Ele coloca a pessoa queer como a criminoso. Ele glorifica a homossexualidade e a criminalidade como as formas mais lindas e amáveis de conflito com o mundo burguês. Ele escreve sobre os mundos secretos de rebelião e alegria habitados por criminosos e queers.

Excluído pelo meu nascimento e gostos da ordem social, eu não estava consciente de sua diversidade. Nada no mundo era irrelevante: as estrelas na manga de um general, as ofertas do mercado de ações, a colheita de azeitona, o estilo do judiciário, a troca de trigo, camas de flor. Nada. Essa ordem, amedrontável e amedrontada, cujos detalhes eram todos inter-conetados, tinha um sentido: o meu exílio. Escreveu Genet.

VI

Um viado é linchado porque sua apresentação de gênero é muito feminina. Um homem trans pobre não pode pagar por seus hormônios salvadores de vida. Quem trabalha com sexo é assassinado por seu cliente. Uma pessoa genderqueer é estuprada porque ela só precisava ser “fodida até endireitar”. Quatro lésbicas negras são enviadas à prisão por terem a ousadia de se defender contra um assediador hetero-macho. Os policiais nos espancam nas ruas e nossos corpos estão sendo destruídos pelas empresas farmacêuticas porque nós não podemos lhes dar um centavo.

Queers experimentam, diretamente com nossos próprios corpos, a violência e dominação desse mundo. Classe, Raça, Gênero, Sexualidade, Capacitismo; embora muitas vezes essas categorias de opressão inter-relacionadas e justapostas se perdem pela abstração, queers são forçadas a fisicamente entender cada uma. Nós tivemos nossos corpos e desejos roubados de nós,

mutilados e vendidos de volta a nós como um modelo de vida que nunca poderemos incorporar.

Foucault diz¹⁶ que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação de leis, nas hegemonias sociais.

Nós experimentamos a complexidade da dominação e o controle social amplificados através da heterossexualidade. Quando a polícia nos mata, nós queremos que eles morram em troca. Quando as prisões encarceram nossos corpos e nos estupram porque nossos corpos não são contidos de forma similar, é claro que queremos fogo neles. Quando fronteiras são erguidas para construir uma identidade nacional desprovida de pessoas de cor e queers, nós vemos apenas uma solução: cada nação e fronteira reduzidas à poeira.

VII

A perspectiva de queers dentro de um mundo heteronormativo é uma lente através da qual nós podemos criticar e atacar o aparato do capitalismo. Nós podemos analisar as maneiras pelas quais a Medicina, o Sistema Carcerário, a Igreja, o Estado, Casamento, a Mídia, Fronteiras, o Exército e a Polícia são utilizados para nos controlar e destruir. Mais importante ainda, nós podemos usar esses casos para articular uma crítica coesiva de cada maneira em que somos alienados e dominados.

¹⁶ [Nota da tradutora] A citação do autor é de *Microfísica do Poder* (1978).

Queer é uma posição a partir da qual se ataca o normativo — e mais, uma posição a partir da qual se entende e ataca as maneiras com as quais o normal se reproduz e é reiterado. Desestabilizando e problematizando a normalidade, nós podemos nos desestabilizar e nos tornar um problema para a Totalidade.

A história de queers organizados nasceu dessa posição. Aquelas mais marginalizadas — gente trans, pessoas de cor, aquelas que trabalham com sexo — sempre foram catalizadores para explosões revoltosas de resistência queer. Essas explosões têm sido acompanhadas por uma análise radical honestamente declarando que a emancipação para as pessoas queer é intrinsecamente ligada à aniquilação do capitalismo e do estado. Não é surpresa, então, que as primeiras pessoas que falaram publicamente de emancipação sexual foram anarquistas, ou que aquelas que no último século lutaram pela emancipação queer também simultaneamente lutaram contra o capitalismo, racismo, patriarcado, e o império. Essa é nossa história.

VIII

Se a história prova alguma coisa, é que o capitalismo tem uma tendência traiçoeira reabilitadora de pacificar os movimentos sociais radicais. Isso funciona de forma muito simples, na verdade. Um grupo ganha privilégio e poder dentro de um movimento, e logo em seguida vende sus companheiros. Dentro de poucos anos após *Stonewall*, gays-brancos-homens-afluentes já tinham completamente marginalizado todos que tinham possibilitado a existência de seu movimento, e abandonaram sua revolução com eles.

Um dia ser queer foi estar em conflito direto com as forças de controle e dominação. Agora, nós estamos enfrentando uma condição de total estagnação e esterilidade. Como sempre, o Capital reabilitou bichas da rua que lutavam jogando tijolos para se tornarem ativistas e políticos de terno. Existem *Log Cabin*

*Republicans*¹⁷ e “Stonewall” se refere a democratas gays. Existem energéticos gay e um canal de televisão “queer” que trava a guerra contra as mentes, corpos e estimas da juventude facilmente impressionável. O estabelecimento político “LGBT” se tornou uma força de assimilação, gentrificação, Capital, e poder estatal. A identidade gay se tornou um bem comercializável e um dispositivo de afastamento da luta contra a dominação.

Agora eles não criticam o casamento, o exército, ou o estado. Em vez disso nós temos campanhas para a assimilação queer em cada. A política deles advoga em nome de tais instituições opressivas, em vez de advogar pela aniquilação total das mesmas. “Gays podem matar pessoas pelo mundo assim como heteros!” “Gays podem possuir os domínios do estado e capital assim como heteros!” “Nós somos iguais a vocês”.

Assimilacionistas não querem nada além de construir o homossexual como algo normal—branco, monogâmico, rico, dois ou três filhos, caminhonete e casa nos subúrbios. Essa construção, é claro, reproduz a estabilidade da heterossexualidade, branquitude, patriarcado, o binário do gênero, e o próprio capitalismo.

Se nós genuinamente quisermos destruir a totalidade, nós precisamos parar com isso. Nós não precisamos de inclusão no casamento, no exército e no estado. Nós precisamos acabar com eles. Sem mais políticos, empresários e policiais gays. Nós precisamos rapidamente e de imediato articular um grande abismo entre políticas de assimilação e a luta pela emancipação.

Nós precisamos redescobrir nossa herança revoltosa enquanto anarquistas queer. Nós precisamos destruir as construções de normalidade, e criar em vez disso uma posição baseada em nossa alienação dessa normalidade, e uma capaz de desmantelá-la. Nós precisamos usar essas posições para instigar afastamentos, não apenas do *mainstream* assimilacionista, mas do próprio

¹⁷ [Nota da tradutora] Organização norte-americana de gays conservadores, atua de dentro do Partido Republicano para torná-lo mais “inclusivo” juntamente com os *straight allies*. Mais informações: <<https://goo.gl/J17Dyx>>

capitalismo. Essas posições podem se tornar instrumentos de força social prontos para criar uma ruptura completa com esse mundo.

Nossos corpos nasceram em conflito com essa ordem social. Nós precisamos reabrir o conflito e fazê-lo se espalhar.

IX

Susan Stryker escreve¹⁸ que o Estado opera para *regular os corpos, de maneiras tanto grandiosas quanto pequenas, através de um enredamento dos mesmos com normas e expectativas que determinam quais tipos de vidas são consideradas vivíveis ou úteis e através de um apagamento do espaço de possibilidade e transformação imaginativa em que as vidas das pessoas começam a exceder e a escapar o uso do estado para elas.*

Nós precisamos criar espaço em que é possível que o desejo floresça. Esse espaço, é claro, requer conflito com essa ordem social. Desejar, em um mundo estruturado para confinar o desejo, é uma tensão que vivemos diariamente. Nós precisamos entender essa tensão para que possamos nos tornar poderosos através dela – nós precisamos entendê-la para que ela possa rasgar nosso confinamento em pedaços.

Esse terreno, nascido em ruptura, precisa desafiar a opressão em sua integridade. Isso, é claro, significa a total negação desse mundo. Nós precisamos nos tornar corpos em revolta. Precisamos nos aprofundar e entregar-nos ao poder. Nós podemos aprender a força de nossos corpos em luta pelo espaço para nossos desejos. No desejo nós encontraremos poder para destruir não só o que nos destrói, mas também aqueles que aspiram em nos tornar uma imitação gay daquilo que nos destrói. Nós precisamos estar em conflito com os regimes do normal. Isso significa estar em guerra com tudo.

¹⁸ [Nota da tradutora] A citação da autora é de *Transgender History* (2008).

Se nós desejamos um mundo sem restrições, nós precisamos queimar este até as cinzas. Nós precisamos viver para além da medida e amar e desejar das maneiras mais devastadoras. Nós precisamos passar a entender o sentimento de guerra social. Nós podemos aprender a ser uma ameaça, nós podemos nos tornar a *mais queer das insurreições*.

X

Para deixar claro:

Nós nos desesperamos por nunca termos podido ser tão bem vestidos ou cultes como o *Fab Five*¹⁹. Nós não encontramos nada na *Brokeback Mountain*²⁰. Nós já passamos muito tempo nos arrastando por corredores de cabeças baixas. Nós estamos cagando para o casamento ou o exército. Mas ô, nós tivemos o sexo mais gostoso – em qualquer canto – de todas as formas que não deveríamos e que os outros garotos na escola definitivamente não podem saber.

E quando eu tinha dezesseis anos um valentão-em-construção me empurrou e me chamou de viado. Eu o soquei na boca. A ligação entre meu punho e sua cara foi bem mais sexy e mais emancipatório que qualquer coisa que a MTV ofereceu à nossa geração. Com o pré-goço do desejo em meus lábios eu soube daí em diante que eu era um anarquista.

Resumindo, esse mundo nunca foi o suficiente para nós. Nós dizemos para ele, “nós queremos tudo, desgraçado, tente nos impedir!”

A IMUNDÍCIA É NOSSA POLÍTICA A IMUNDÍCIA É NOSSA VIDA!

¹⁹ [Nota da tradutora] Novamente, uma referência a *Queer Eye*. Os Cinco Fabulosos compõem o elenco.

²⁰ [Nota da tradutora] Referência a um filme romântico, vencedor de vários prêmios, protagonizado por um casal de cowboys gays. Para saber mais: <<https://goo.gl/VeHFdE>>

O ensaio acima pertence à uma antologia de relatos, ensaios e discussões anarquistas e queer.

Anarquismo e queer, embora sempre terem estado em contato um com outro, precisam se conhecer novamente. A criação desse roteiro pode ser entendida como um esforço em reorganizar as peças dessa genealogia radical. O livro completo, onde esse texto foi encontrado, estará entre os arquivos como o item X.2. Mais uma obra que faz parte do mesmo empenho também merece ser citada. Embora ela não esteja aqui na lista, *Queering Anarchism* (2012) serviu como bússola para o meu trabalho. Disponível apenas em inglês, assim como *Queer Ultra Violence*, estará presente sob o título de X.3. Convido agora as pessoas como eu – anarco-trans-feministas-radical-kuir – a continuarem o presente trabalho de tradução, divulgação e escrita de um movimento revolucionário que já existe, mas está apenas começando.

Até a próxima! E não se esqueçam: **A HETEROSSEXUALIDADE [ENQUANTO REGIME POLÍTICO] É O ÓPIO DO POVO.**



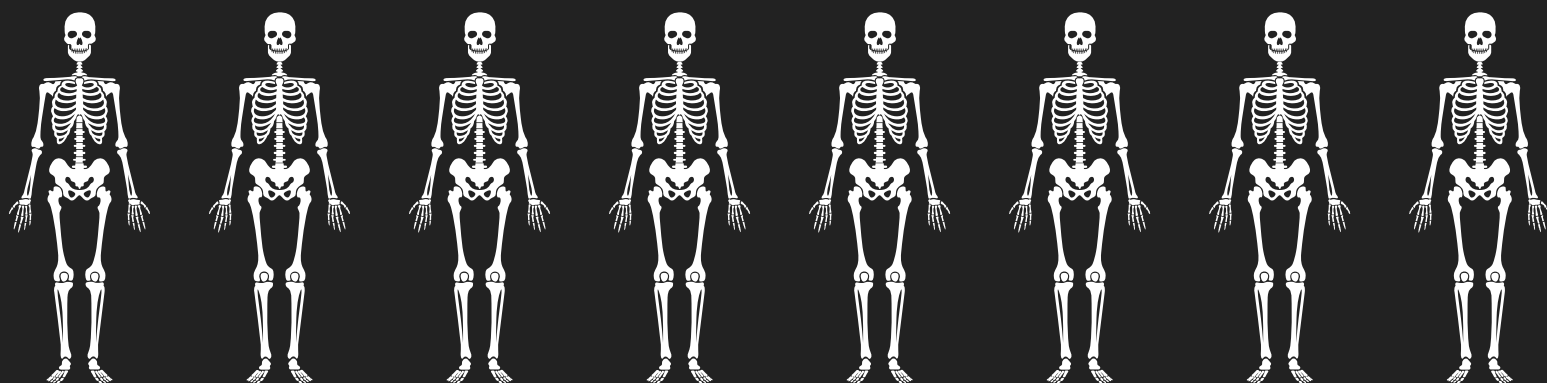
Edição artística, texto de apresentação, roteiro e tradução de ensaio por **technogender**. Alguma dúvida ou recomendação? Vamos conversar!

contrassexual@gmail.com

COPYLEFT

COPYLEFT

COPYLEFT



COPYLEFT

COPYLEFT

COPYLEFT